

## MINUTA

### ATA DA 22ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO FUNDO ÚNICO DO MEIO AMBIENTE DO DISTRITO FEDERAL, REALIZADA NO DIA ONZE DE AGOSTO DE DOIS MIL E VINTE TRÊS.

Ao décimo primeiro dia do mês de agosto de dois mil e vinte e três, realizou-se presencialmente na Sala 24 da Sede da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Proteção Animal-Sema/DF, situada no endereço: Setor Bancário Norte, Quadra 2, Bloco K, Edifício WAGNER, Brasília-DF com início às 14h30min em segunda chamada, a 22ª Reunião Ordinária do Conselho de Administração do Fundo Único do Meio Ambiente do Distrito Federal (CAF), com a seguinte pauta: **Item 1.** Apresentação da Vice-Presidente do CAF (Resolução nº 03 de 24 de outubro de 2022). **Item 2.** Aprovação da Ata da Reunião anterior – 40ª RE. **Item 3.** Planejamento do Fundo Único de Meio Ambiente (Funam) 2023. **Item 4.** Apresentação do projeto de Educação Ambiental – Experiência de realidade virtual imersiva. **Item 5.** Projeto Caminhos da Restauração: valoração de serviços florestais não madeireiros. **Item 6.** Prestação de contas do projeto capivaras. **Item 7.** Outros informes e deliberações. Fizeram-se presentes: Sr. GUTEMBERG GOMES, Secretário da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Proteção Animal do Distrito Federal (Sema/DF) e Presidente do CAF; Sra. SUZZIE VALLADARES, Subsecretária de Assuntos Estratégicos da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Proteção Animal do Distrito Federal (Sema/DF) e Vice-Presidente do CAF-DF; MARCELA VERSIANI, Superintendente de Unidade de Conservação, Biodiversidade e Água do Brasília Ambiental; Conselheira Titular MORGANA BRUNO, Universidade Católica de Brasília – UCB; MELINA GUIMARÃES, Universidade Católica de Brasília – UCB; ALINE NÓBREGA, Coordenadora de Estudos Ambientais no Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal - IPEA-DF; RENATA FLORENTINO, Diretora de Estudos Ambientais e Territoriais no Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal - IPEA-DF; LEANDRO SALLES, Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal IPEA-DF, e DANIEL VICENTE, IRI-ONU. Pela Secretaria de Meio Ambiente e Proteção Animal participaram: Sr. LEONEL GRAÇA GENEROSO PEREIRA, Chefe da Assessoria de Biodiversidade e Proteção Ambiental da Secretaria Executiva; TITAN LIMA, Assessor de Gestão Estratégica e Projetos; FERNANDO FIDELIS, Chefe da Assessoria de Comunicação; RAYSSA RIOS, Assessora Especial da Assessoria de Comunicação; e LUCIANA CRUZ, Assessora Técnica do Projeto CITInova/SEMA. Secretariando a reunião: Sr. JARBAS LEVI, Diretor do Funam. Dando continuidade e ao constatar o quórum mínimo, a Sra. Vice-Presidente declarou aberta a reunião e passou ao **Item 1** com a apresentação das necessidades de mudanças no CAF como: a reestruturação para simplicidade dos processos com a manutenção da segurança da aplicação dos recursos; melhoria dos formulários; criação de regra para a retirada dos membros que não participam. Continuando, passou ao **Item 2** da pauta, quando foi perguntado se algum Conselheiro tinha algo a acrescentar ou ajustar na Ata da 40ª Reunião Extraordinária do CAF enviada anteriormente por e-mail, não havendo demandas de ajustes e não tendo nenhum membro manifestado contrário, a Ata foi colocada em votação, sendo devidamente aprovada. Seguindo, passou ao **Item 3** da pauta, indicando o planejamento para este ano com os projetos aprovados e que tiveram a manifestação para continuidade que são: (i) Projeto do CAR que corre pelo Instituto Brasília Ambiental, para o qual já tem aprovação do CAF, orçamento e previsão para execução neste ano, com possibilidade de transferência dos recursos via convênio. (ii) Educação Ambiental que corre pela Secretaria Executiva da Sema, para realização de ações de educação ambiental nas quatro datas marco: semana da água, semana do meio ambiente, semana do cerrado e o dia do plantio. A execução financeira começa em 2024, o chamamento público espera-se para setembro de 2023, assinatura em dezembro de 2023 e prestação de contas em abril de 2025; (iii) Capivaras II, em fase de elaboração, espera-se fazer o chamamento público em setembro de 2023, mas pode ser que possa ser postergado devido à complexidade da elaboração do próprio instrumento. (iv) Projeto Manutenção de áreas de Cerrado em recuperação, aprovado para manutenção das áreas que foram plantadas no Parque Veredinha em Brazlândia, Parque Ecológico do Riacho e Parque Ecológico de Águas Claras, no âmbito do projeto CITInova, com execução prevista de R\$ 201.000,00 para 2023 e R\$ 200.000,00 para 2024. Também será feito por chamamento público e prestação de contas em agosto de 2025. (v) Filme que corre pela Ascom/Sema, com apoio de toda Sema. Previsto

investimento de R\$ 500.000,00, sendo R\$ 420.000,00 para execução e R\$ 80.000,00 para equipamentos. Espera-se fazer a contratação em março ou abril de 2024 e a prestação de contas em outubro de 2023, com previsão de término do filme em setembro de 2023. (vi) Os caminhos da restauração, espera-se lançar o convênio até outubro de 2023; prestação de contas em março de 2025. Com este planejamento, com comprometimento e equipe, consegue execução financeira prevista para 2023 de R\$ 979.000,00 e R\$ 1.900.000,00 para 2024. Foi solicitado o teto de R\$ 2.900.000,00, então ainda consegue prever R\$ 1.000.000,00 de execução para o ano que vem. **Item 4.** Apresentação do projeto de Educação Ambiental – Experiência de realidade virtual imersiva, pelo Fernando Fidelis – ASCOM/SEMA-DF. O projeto é voltado para sensibilizar líderes influentes dos poderes executivo, legislativo e judiciário e potenciais financiadores com potencial de investimento em projetos que visem a conservação e a recuperação do Cerrado do Distrito Federal e seu entorno, além de mostrar a beleza do Cerrado. Das doze principais regiões hidrográficas do país, oito tem nascentes no cerrado. O projeto prevê a contratação de empresa especializada para produzir filme em realidade virtual 3D e 360º; e, aquisição de equipamentos para reprodução de realidade – óculos de realidade virtual 3D e fones de ouvidos. É uma experiência de imersão no cerrado brasileiro; instrumento para fortalecimento de uma política de valorização, preservação e recuperação do Cerrado. Como público-alvo se tem lideranças e gestores governamentais e não governamentais, de atuação local, nacional e internacional e o público jovem. Os recursos financeiros são de R\$ 500.000,00 (quinhentos mil reais), sendo R\$ 420.000,00 (quatrocentos e vinte mil reais) o valor do projeto e R\$ 80.000,00 (oitenta mil reais) os equipamentos. Os objetivos específicos são: 1. Produzir roteiro para filme e mapear localidades para sua ambientação, ressaltando a água – nascentes, cachoeiras e veredas, bem como diferentes fitofisionomias do cerrado – rupestre, capôs de cerrado e cerrado sentido estrito, e ao menos dois animais silvestres nativos; 2. Produzir um filme em realidade virtual 3D e 360ºm de até oito minutos, que simula a experiência e uma imersão no cerrado brasileiro para gerar engajamento com a sua preservação; 3. Produzir peças derivadas do vídeo principal para divulgação; 4. Adquirir equipamentos necessários à exibição do filme, com qualidade. A empresa deverá ter no mínimo cinco anos de experiência na atividade especializada em realidade virtual, com comprovação de pelo menos dez projetos de realidade virtual de alta complexidade, e, dois projetos em biomas remotos brasileiros. Continuando, passou para o **Item 5.** Projeto Caminhos da Restauração: valoração de serviços florestais não madeireiros. Apresentação de Aline Nóbrega, IPE-DF, da pesquisa que vai ser realizada no âmbito da Coordenação de Estudos Ambientais, que é uma coordenação da diretoria em conjunto com a Territorial, que tem como coordenadora Aline, Leandro Salles - engenheiro florestal e gerente de sustentabilidade da diretoria, Luiz Antônio de Oliveira economista e Rogério Siqueira que é geógrafo, parte da equipe técnica de execução. É uma equipe multidisciplinar porque estamos tratando assuntos que envolvem tanto a cadeia de valoração desses produtos florestais não madeireiros, como os impactos com as comunidades tradicionais e também com as trocas com a territorialidade dos municípios. O projeto engloba o cerrado brasileiro, que é o segundo maior bioma do país, que ocupa quase um quarto do Brasil, cerca de 24% do nosso território; e ao longo do tempo, numa série histórica de 1985 a 2021, perdeu para a agricultura cerca de 50% do cerrado e 28% das formações naturais se tornaram áreas urbanas, então esse impacto é muito significativo no cerrado, que é o nosso berço das águas. Primeiro fizemos o diagnóstico para pontuar, e frente a toda essa problemática do cerrado, algumas políticas públicas, advindas também muito do novo Código Florestal, a gente teve o Plano Nacional de Recuperação da Vegetação Nativa, que fala que a gente tem que até 2030 restaurar cerca de 12 milhões de hectares, e que traz em volta tanto a questão das áreas de proteção permanente, como das reservas legais. E que um desses objetivos desse Plano de Recuperação é a promoção dessas cadeias produtivas. Além desse plano, a gente tem a década da restauração pela ONU, que a gente tem 2021, 2030, para restaurar esses ecossistemas. E além da restauração desses ecossistemas, o potencial de geração de empregos. Tem estudos da sociedade de restauração, que indica que a cada dois hectares restaurados você tem pelo menos a geração de um posto de trabalho. Se a gente for calcular, isso supera o setor de serviços, na formulação de mais empregos. Aliado também à pesquisa, a gente tem os objetivos do desenvolvimento sustentável, porque além dessa questão do impacto nas mudanças climáticas, na vida terrestre, a gente também tem o impacto dessa restauração no sentido da segurança alimentar.

Como que esses produtos florestais poderiam estar sendo utilizados para a segurança alimentar? Inclusive no Distrito Federal, até recentemente no IPEDF, em outra diretoria teve uma pesquisa sobre a questão da segurança alimentar no DF. E a gente avalia que, como coordenação e diretoria da área ambiental, que os produtos florestais poderiam estar entrando numa forma alimentar, principalmente em uma parte da educação básica, e até também subsidiando alimento para escolas ou para outros tipos de comunidades aqui no Distrito Federal e no interior. Então, além da questão ambiental em si, a restauração também poderia estar subsidiando segurança alimentar. Só que quando a gente fala em todos esses regramentos, nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, na restauração dos ecossistemas, e nos planos de vegetação, a gente está falando em escala global, internacional e também numa escala continental, que é o nosso país. Então é o papel de cada ente da federação efetuar as suas formas de restauração, compreender as suas cadeias de valor desses produtos. Então, a nós aqui como Distrito Federal, cabe compreender qual é o papel que a gente vai fazer para o nosso território para contribuição nessa restauração de cerrado e valorar também esses nossos produtos florestais. É algo que a Renata sempre levanta, é a questão de o Brasil estar sediando a COP30, não é agora, mas o Brasil vai sediar a COP30, e nós como capital dessa nação temos que ter boas práticas, e é uma forma também da gente demonstrar a potencialidade do cerrado, e a importância desse bioma. Então, partindo daí, a gente entra no nosso escopo aqui do Distrito Federal e também da nossa região integrada, onde a gente tem uma longa cobertura tanto de Minas quanto do Goiás, onde a gente verifica que a gente teve uma redução em nossas formações savânicas e florestais de cerca de 20%, e um aumento de quase 100% em 91,97% da questão da agropecuária. E o Distrito Federal foi o que registrou essas maiores transições tanto savânicas quanto campestres em relação a essas áreas urbanizadas. Mas não só de impactos e problemáticas, a gente também vive, a gente já tem aqui mapeado alguma valoração de cadeias desses produtos florestais, um exemplo é o município de Arinos, que já tem uma consolidação da cadeia do Baru, já é um município de tradição, então a gente já tem exemplos no âmbito da RIDE que poderiam ser replicados em outras áreas e também outros produtos que poderiam ser valorados. Aqui está um exemplo onde a gente já tem um modelo da cadeia de produção tanto dentro do Brasil quanto para exportação, como que esse produto é exportado, e a gente deveria também investigar quais são esses outros produtos. Então essa pesquisa tem o intuito de investigar essa cadeia econômica das atividades ligadas à restauração de cerrado, de modo a indicar esses caminhos, e qual o fomento econômico dessas atividades que são bastante ligadas à economia verde, que é um outro conceito que está sendo bastante tratado agora. E também a gente avaliar essa contribuição para a manutenção desses serviços ecossistêmicos e também verificar por meio de cenários esse combate tratando um pouco da insegurança alimentar. Buscando uma forma da gente escoar essa produção. Então a gente traz aqui cinco objetivos específicos ligados às cinco metas, onde a gente vai fazer uma busca por dados secundários, desde bibliografias, tentando entender essas cadeias já construídas, essas cadeias de valoração já delimitadas, tanto no cerrado como também em outros biomas, porque o bioma amazônico, a gente tem cadeias de valor já consolidadas há bastante tempo, mais do que na nossa região aqui de cerrado. Então elas podem espelhar a formulação de outras cadeias para o cerrado. A gente busca avaliar também essa oferta potencial e efetiva dos produtos florestais, como que a gente vai escoar essa produção? Existe o produto? É por meio de extrativismo? Qual o potencial disso? E identificando essas espécies. A gente colocou ali como meta, identificar e diagnosticar o valor socioeconômico de ao menos cinco principais espécies da bioeconomia de cerrado. Porque de uma espécie a gente tira N produtos. Então quais são as espécies que a gente vai conseguir tirar mais produtos, quais são esses produtos que vão ter mais saída e o custo-benefício de manufaturar esses produtos. Como objetivo 3, a gente investiga os benefícios socioeconômicos, culturais e ambientais associados ao manejo sustentável. Aqui a gente já parte para uma ida a campo, para compreender, tanto em Arinos como na região de Teresina de Goiás, Cavalcante, como que funciona o trabalho das comunidades que estão nesse manejo sustentável, nessa agricultura sustentável. No objetivo 4, a gente coloca ali como meta, ao menos três produtos dessas espécies que foram mapeadas, ao menos três desses produtos, para verificar esse valor agregado. Uma estimativa do potencial socioeconômico e a cadeia de valor desses produtos florestais, considerando a demanda por potencial, tanto do setor público quanto do setor privado. No setor público, a gente

coloca tanto uma demanda de escolas, instituições, restaurantes comunitários, do setor privado. Aqui no Centro-Oeste, está crescendo essa questão da indústria farmacêutica no DF, também tem as indústrias de cosméticos, que cada vez mais entram nessa pauta da economia verde. Então, é uma forma da gente utilizar essa exploração, até essa exploração publicitária sobre o meio ambiente, que algumas empresas de cosméticos fazem, mas a gente enxergar o lado positivo, que é a gente restaurar os nossos biomas, por meio dessas produções. Um outro ponto, já final, é desenvolver esses cenários econômicos para os produtos florestais não madeireiros, considerando a oferta e a demanda por potencial nos setores públicos e privados. Como que o DF poderia estar trazendo esses produtos? Será que nós teríamos áreas para fazer o plantio desses produtos? Como seria essa demanda? Para quem a gente escolheria? A gente teria mercado para isso? Então, a metodologia do projeto traz desde a questão de revisão bibliográfica, coleta de dados secundários, coleta de dados primários, por meio das entrevistas com as comunidades locais, com metodologias participativas, utilização de métodos de estimativa de demanda e oferta de mercado, e a construção desses cenários, que a pesquisa poderá utilizar modelos matemáticos ou simulações computacionais, considerando as diferentes variáveis de acordo com os produtos e os locais de simulação selecionados. Como no cronograma, no Instituto, no IPEDF, a gente tem uma portaria, que é uma portaria de pesquisadores bolsistas, onde a gente contrata, faz um processo de seleção, existe um edital de seleção, onde a gente contrata pesquisadores da área, que compreendam sobre o assunto, que sejam doutores, mestres, especialistas, e também graduados no assunto delimitado. Então, a gente coloca ali um prazo, que é uma contrapartida do IPEDF, efetuar toda essa seleção, para além da equipe que já foi apresentada, da coordenação e da diretoria. Então, após a execução desse edital de seleção dos bolsistas, a gente iniciaria a pesquisa, que a gente está calculando ali uma durabilidade de 14 meses, essa pesquisa, e onde a gente teria também o lançamento, por meio de um evento, com o relatório final e a apresentação desses dados. Aí a gente encerra uma pesquisa de cerca de dois anos de execução, desde o levantamento dessas cadeias até as saídas de campo, e o custeio dessa pesquisa ficou em R\$ 378.308,00, considerando a remuneração desses bolsistas, que é o que segue a portaria do Instituto. Bom, é isso o trabalho, e a gente está aberto a questões sobre o tema. Alguém já viu, como foi apresentado, os conselheiros? Tem alguma dúvida? Alguém se voluntaria para fazer o relatório? Morgana se voluntariou. Passando para o **Item 6**. Prestação de contas do projeto capivaras, com apresentação de Melina, professora da Universidade Católica de Brasília sobre o projeto de identificação e monitoramento das populações de capivaras aqui da Orla, no Lago Paranoá. Então, esse projeto foi desenvolvido pela Católica, foi subsidiado pelo FUNAM e foi um fomento da SEMA, foi uma iniciativa da SEMA para que se fizesse um trabalho sobre o tamanho das populações de capivaras na Orla. Então, aqui a responsável é a Dra. Morgana Bruno, também trabalharam Dra. Helga, o mestre Eduardo e o Dr. José Roberto Moreira, que é, na realidade, o maior especialista em capivaras aqui no DF, embora ele não estivesse diretamente à frente de nenhuma meta, ele trabalhou dando subsídios para que nós fizéssemos uma metodologia de monitoramento das capivaras e também na interpretação dos dados. Foram 11 metas com a extensão do projeto, a primeira delas era da estimativa do tamanho e variação da população das capivaras, a meta foi atingida, foi feito a quantidade de horas necessárias de monitoramento do lago, foram feitos 13 meses corridos de visita ao lago Paranoá, em que os quatro braços do lago foram avaliados e contados em toda a sua extensão para o tamanho das populações de capivaras. O que foi observado nesse primeiro item é que as capivaras estão presentes de forma mais ou menos agregada, elas ocupam bem menos da orla do que se imagina, então são 25% só da orla que é ocupada realmente pelas capivaras, 75% dos pontos amostrados não se via nenhuma capivara, então elas ocorrem de forma agregada, as populações se movimentam e às vezes se tem a impressão de que tem mais por conta disso. Os grupos grandes eram os mais presentes, isso também é uma característica de áreas urbanizadas, então áreas não urbanizadas tem grupos menores, onde elas se sentem mais seguras em grupos menores, quando elas estão super expostas, é normal que a gente veja grandes bandos. A densidade populacional variou ao longo desses três meses onde se encontrou a maior densidade populacional já no primeiro mês de coleta de dados durante a seca e o menor número durante a chuva de dezembro de 2021, coincidindo com a época da presença de filhotes durante as chuvas. Quanto à população, hoje uma superpopulação, onde essas capivaras estão, são as áreas

preferenciais delas, são as áreas onde tem um granado. E assim, também são as áreas onde são permitidas, onde está permitido o acesso, principalmente em parques, que são as áreas de visitação, os clubes agora estão fechando, estão nas casas, principalmente no Lago Norte, onde o dono pode bloquear até a margem, ele entende que pode bloquear até a margem, não permitindo a entrada da capivara. Outra coisa que a gente ouviu muito falar, é que está tendo filhotes, mas essa é uma estratégia ecológica. Então, é até uma estratégia, uma coisa que também mostra que as capivaras elas estão ali em um ambiente, para elas não é um ambiente estável. E outra coisa, quando ela mostra que na época de seca, há um adensamento da população, percebe-se que isso ocorre porque as capivaras até chegam ao Lago Paranoá, mas também tem outras áreas que as capivaras podem estar, que elas chegam até o Lago Paranoá, que na seca os locais onde elas habitam sofrem, diminui a parte hídrica, diminuem o recurso, e é o Lago Paranoá que permanece ainda com o recurso hídrico. Então, elas vão para o Lago Paranoá, enquanto as outras áreas de origem estão secas, e nada reproduz. Foi realizado um apanhado de informações de outras áreas antropizadas e não antropizadas, em que os pesquisadores avaliaram o número de capivaras por hectare. Não foi feito esse tipo de avaliação direta por hectare. A nossa avaliação foi por quilômetro linear. O nosso tipo de amostragem foi ir de barco e ir medindo. Então, é muito complicado se fazer essa estimativa com muita precisão para um hectare. A gente não fechou uma área, não fez um quadrado para contar quanto que tinha ali. Até porque tinha também a proposta de trabalhar com drone. Era uma das propostas do projeto. Nós cancelamos essa ideia porque ela não pareceu viável tecnicamente e ia ser extremamente custosa e não ia produzir recursos. A gente fez uma transformação mostrando que a quantidade, a densidade de 0,78 ao 1,43 é uma densidade que não difere tanto de outras áreas que são também antropizadas. Falar de superpopulação é uma coisa muito relativa e, de repente, depende da visão do ser humano com relação a elas, do quanto elas estão nos incomodando ou não, não necessariamente que na natureza é uma coisa exacerbada. Então, comparando os dados que nós temos até hoje para o DF, nós temos um dado de Moreira e colaboradores de 2001 em que, mais ou menos, a Orla nessa época, há 20 anos atrás, tinha mais ou menos 100 indivíduos e hoje a gente tem, mais ou menos, 500 indivíduos. Então, a gente tem um aumento significativo ainda. Porém, a gente deve lembrar que a coleta dele foi feita, apesar de utilizar o método, eles coletaram esses dados no período noturno e nós fizemos no final da tarde. Então, o que muda muito é a visibilidade dos animais. Então, nós entendemos que talvez esse dado do doutor José Moreira tenha sido um pouco subestimado. Talvez não tenha sido essa diferença tão grande. Então, o monitoramento foi feito a velocidade constante de barco, haviam dois contadores e uma pessoa no meio para que um contador não visse o que o outro estava vendo. Então, as duas contagens, elas eram independentes. Na época da chuva, o valor foi mais baixo. Outra coisa que influencia é a vegetação. A vegetação está muito mais adensada. Elas ficam muito escondidas e a gente enxerga menos. Com relação à meta 2, que foi identificar locais preferenciais de ocorrência de acordo com o uso do solo. Então, foi feita sobreposição dos tipos de uso do solo utilizando os dados do MapBiomas, mostrando, então, que se tem uma área muito urbanizada, com pouca formação florestal e algumas áreas alagadas. A representação do número de contagem de capivaras, mostra adensamento no Lago Norte e alguns pontos do Lago Sul. E depois, os pesquisadores fizeram uma outra coisa interessante também, é que verificaram as áreas de preferência de ocorrência delas com as áreas que elas teriam maior facilidade de ocorrer, que nós esperaríamos que ela ocorresse. O mapa de calor do que se observa, e o mapa de calor do que nós deveríamos observar, apresenta uma pequena discrepância. E isso, como disse a Morgana no início, pode estar relacionado ao fato de algumas áreas já estarem bloqueadas para a presença delas. Muitos clubes já têm cercamentos em algumas áreas lá do setor de mansões eles já bloqueiam de alguma forma. Então, nós imaginamos que a população, pelo menos depois de 2018, então tinha o dado do Dr. Zé Roberto de 2001, 2018, a população estava muito parecida com o que está hoje. Então, a gente tem uma população estável e a variação populacional, como foi dito aqui, é provavelmente relacionada à disponibilidade de recursos. E daí tem um movimento migratório. Uma das coisas que a gente tem sempre que ressaltar é que existe uma conectividade de recursos hídricos entre o Lago Paranoá e os seus arredores. Com relação à adequabilidade, a sugestão dessa meta é que a gente possa, então, com esses dados, dar subsídios para que vocês possam fazer esse manejo da cobertura do solo para equalizar o melhor local de ocorrência das capivaras. A terceira meta foi

identificar as áreas de maior ocorrência dos carrapatos. Então, na vegetação da orla não foi feita nenhuma análise nas capivaras. Foram cumpridos o número de horas que era a nossa meta, passando aí bastante em relação à meta de laboratório, que foi bem dispendiosa. Foram sorteadas as áreas, 30 a 40 pontos por mês de coleta. Alguns lugares têm mais pontos sorteados, aí se sobrepõe mais de um ponto de coleta, outros não. Algumas áreas que não têm nada, é realmente por falta de acesso. Como, por exemplo, um pouco depois da ETE é bastante difícil de acessar, outros por cercamento. Então, foram 192 pontos. Foram triados 30.337 indivíduos de carrapatos. Isso, obviamente, demandou ali mais de 10 estudantes de iniciação científica, entre voluntários e bolsistas. Um apoio técnico muito grande para a identificação desses animais. Embora esse número seja grande, o que a gente tem que lembrar é que, muitas vezes, esse número alto está relacionado à desova de uma única fêmea. Então, ainda que a gente tenha pego todo esse número de indivíduos, se você dividir pela metragem quadrada que foi avaliada, em cada ponto eram 60 metros quadrados de área que foram criadas, foram amostradas, se tem uma densidade bem baixa de 0,09 indivíduos por metro quadrado. Na realidade eles estão muito espalhados. O que a gente sempre indica é se o mato tá muito alto e o local é sombreado, é para se tomar cuidado. Lugares com muito lixo, tem bastante. O que até nos levantou a hipótese de que outros roedores, que não as capivaras, estão ali fazendo a reprodução desses carrapatos. Nenhum dia que a gente foi avaliar a capivara, nenhum dos dias de monitoramento teve uma capivara ali na ETE Norte, mas foi o lugar onde tinha mais carrapatos. Com relação às espécies, foi encontrado na vegetação, carrapato estrela e mais uma outra espécie. Época da seca, uma grande quantidade de ninfas e larvas e época da chuva, maior quantidade de adultos. Foi feita análise estatística para ver o efeito da vegetação, o efeito das condições ambientais. As larvas estão presentes em lugares mais fresquinhos, teve um efeito negativo da temperatura, temperaturas muito altas. Obviamente, as larvas são muito delicadas, elas não conseguem sobreviver ali naquele sol tórrido. Porém, deu um efeito positivo da presença de capivaras e seus sinais. No caso das ninfas, não teve nenhuma relação especial com as variáveis ambientais. Teve um efeito da vegetação, elas estavam mais presentes onde tinham arbustos e árvores. E nos adultos, também teve efeito significativo a temperatura foi positiva para a presença deles, são seres mais resistentes e negativa para a presença de capivaras. Com relação às sugestões de conduta, obviamente, a vegetação de ocorrência de capivaras, que está relacionada à presença das larvas, cuidado na época da seca e talvez uma investigação de outros hospedeiros do carrapato estrela seja, assim, interessante para o manejo do carrapato. Então, talvez a capivara não seja a única multiplicadora, amplificadora do número de carrapatos. Na meta 4, era o sumário executivo que foi entregue e acredita-se que está publicado. A meta 5, desenvolver ações de educação ambiental. Para ter um entendimento sobre o que a população sentia com relação às capivaras, foram aplicados trezentos questionários em parques, áreas de lazer, clubes e áreas residenciais. Os entrevistados que foram divididos por três categorias, aqueles que frequentam as áreas de lazer, que são os parques, os moradores que nós fomos lá nas suas residências e os atletas que responderam através do formulário online, nós tivemos uma diferença entre o que deve ser feito com relação às capivaras. Chama a atenção que os atletas são os mais tolerantes às capivaras. E, ao contrário, os moradores foram os que mais acham que existe problema de convivência. É o público com que a gente tem que ter um pouco mais de atenção e, talvez, ter outras medidas relacionadas com relação a ações de educação ambiental decorrente. Foram feitas 10 tipos de abordagens diferentes, a maior parte delas em escolas. Também chamamos a atenção para uma dessas atividades de educação ambiental que foi feita no Parque Ecológico da Ermida Dom Bosco e foi aberto para o público um trabalho de 24 horas de oficinas e de trilhas pelo Cerrado e, entre elas, uma dessa aí com o professor José Roberto Moreira que ele falou bastante sobre as capivaras. Então, muitas atividades foram feitas na Bioblitz e dessa Bioblitz surgiu também um acréscimo do número de espécies identificadas para o iNaturalist que é uma lista de espécies que é feita com o cidadão cientista, com a ajuda de cidadãos que vão lá fotografam, registram, filmam ou gravam e com a ajuda dos especialistas conseguem identificar as espécies, com isso conseguimos acrescentar bastante número de espécies registradas. Também houve divulgação em mídias sociais, foram feitas 64 publicações e mais de 500 seguidores. Foram elaboradas placas informativas para a colocação nos clubes. Além disso, realização de teatro e elaboração de canções. Também foi realizado como parte das metas a elaboração de uma cartilha

com os resultados que está disponível já na meta 7 produção de um artigo científico, que foi coordenado por Melina um trabalho que está em finalzinho de elaboração para encaminhamento para uma revista de entomologia sobre abundância e infecção de angiomas com colaboração da Fiocruz e Universidade Brasil. Na meta 8 essa interação com as administrações regionais e isso foi feito por meio de oficinas. A meta 9 sobre a investigação da presença das *Rickettsia*, como se tinha um número grande de carrapatos coletados, aproveitamos esse contato que a gente tinha na Fiocruz e enviamos algumas amostras. Foram 252 amostras e dentro dessas amostras tinham cada amostra 100 larvas, 10 ninfas e um adulto, era sempre assim misturado. Foi feita amplificação de dois genes, um para ver se tinha o gênero *Rickettsia*, aquele que provoca a febre maculosa e outras doenças e um outro gene específico para ver se tinha bactérias do grupo febre maculosa que são 4 linhagens de febre maculosa. Então, só mais de 80% de todos os carrapatos coletados, eles não estavam de forma alguma infectados, só 16% tinham bactérias do tipo *Rickettsia*. Então, 95% delas não eram patogênicas e 5% eram do grupo febre maculosa, algumas delas eram *Rickettsia Parkeri*. Passando para o **item 7**, outros informes, até março será feita proposta de reestruturação do Funam, embora garantindo a segurança da aplicação, consiga tornar a execução mais fácil. Está sendo estudado modelos de outros fundos, para trazer exemplos de sucesso. O prazo do relatório é de 40 dias. Para a prestação de contas do projeto Capivaras, a relatora será a Marcela. É cobrado o número da conta para depósito do saldo. O depósito só ocorre depois da prestação de contas. A prestação de contas vai acontecer em duas etapas. Tem a etapa MROSC, que foi aprovada pela Comissão de Avaliação e Monitoramento, pela Comissão Gestora, depois pela Comissão de Monitoramento. Então já tem dois relatórios de prestação de contas. Aí agora vem a prestação de contas do FUNAM, que é outro relatório aprovando a prestação de contas total. Para se fazer, a gente precisa da devolução do dinheiro. Então, se não foi o número da conta, a gente vai corrigir hoje, já mandamos de novo, e aí a gente já manda pra você com tudo certinho, porque sobrou dinheiro. Essa devolução, ele impede uma nova etapa da prestação de contas e finalização do relatório para terceira etapa. Então a gente precisa estar com o contrato encerrado, com o dinheiro devolvido. Foi identificado que poderia ter sido publicado o livro. O livro será lançado como está, porque está aprovado pelo fundo. Não havendo nada mais a tratar, a Vice-Presidente agradeceu a participação de todos e declarou encerrada a reunião. Sendo assim, eu Jarbas Levi, Diretor do Fundo Único do Meio Ambiente, lavrei a presente Ata, que na próxima reunião do CAF será apreciada e colocada em votação para aprovação.